

CONSTITUIÇÃO DO DISCURSO FEMINISTA NO BRASIL PÓS-1975

Autora:

Mariana Jafet Cestari
marianajcestari@gmail.com

Orientadora:

Prof. Mônica G. Zoppi
Fontana



Universidade Estadual
de Campinas/SP

Instituto de Estudos
da Linguagem - IEL

PIBIC/CNPq

Palavras-chave:

- Feminismo
- Resistência
- Porta voz
- Interdiscurso

1. Introdução

Esta pesquisa trabalha com o discurso em circulação na imprensa feminista no Brasil pós-1975. Em especial, são estudados os jornais feministas “Brasil Mulher” (1975-1980) e “Nós Mulheres” (1976-1978), considerados fundadores do projeto feminista brasileiro contemporâneo, quando o feminismo atuou junto aos partidos e forças políticas de esquerda em um contexto de ditadura militar.

Neste trabalho são apresentadas e analisadas algumas regularidades deste discurso feminista, sob a perspectiva teórico-analítica da Análise do Discurso (AD) materialista.

4. Resultados e discussão

- os jornais feministas são parte de um processo de construção de um lugar de enunciação público e político das mulheres
- um dos elementos constitutivos deste discurso é a denúncia, que permite processos de subjetivação na resistência para as mulheres identificadas com essa posição
- configura-se um nós inclusivo como lugar de enunciação que torna possível a ação política coletiva do nós mulheres militantes feministas
- existe uma tensão entre o discurso feminista em constituição e o discurso da esquerda enquanto memória discursiva
- no programa construído pelo discurso feminista, o sujeito histórico que pode transformar de forma geral a sociedade, único caminho para acabar com a situação de opressão das mulheres, é formado por homens e mulheres

2. Objetivos

2.1 Geral

- Descrever o funcionamento do discurso feminista em circulação na imprensa feminista na década de 1970 no Brasil

2.2 Específicos

- Compreender as condições de produção do discurso feminista
- Descrever as imagens do discurso feminista
- Opor estas imagens e analisar seu funcionamento enquanto processos discursivos, delimitando os deslocamentos de sentido
- Analisar o funcionamento da denúncia e a figura enunciativa do porta-voz

5. Conclusão

O projeto possibilitou uma série de reflexões teóricas na área da AD e contribuiu para a compreensão da emergência do feminismo no Brasil na década de 1970.

3. Dispositivos teórico-metodológicos

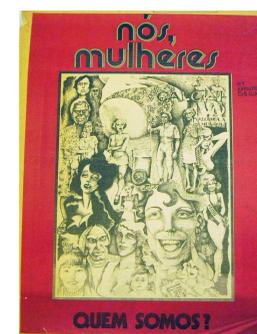
3.1 Quadro teórico

Dentro da perspectiva da AD, trabalha-se com os conceitos e as noções de:

- corpus discursivo e condições de produção (PÊCHEUX, 1975)
- formações imaginárias (PÊCHEUX, 1969)
- formação ideológica e formação discursiva (PÊCHEUX e FUCHS, 1975)
- denúncia (PAYER, 2006)
- identificação e subjetivação (PÊCHEUX, 1988)
- porta voz (PÊCHEUX, 1982 e ZOPPI-FONTANA, 1997)

3.2 Corpus e prática de análise

Para a análise, foram escolhidos enunciados dos editoriais dos jornais feministas que possibilitassem “descrever os regimes de enunciabilidade em sua dispersão” (ZOPPI-FONTANA, 2005).



“Achamos que NÓS MULHERES devemos lutar para que possamos nos preparar, tanto quanto os homens, para enfrentar a vida. Para que tenhamos o direito à realização. Para que ganhemos salários iguais quando fazemos trabalhos iguais. Para que a sociedade como um todo reconheça que nossos filhos são a geração de amanhã e que o cuidado deles é um dever de todos e não só das mulheres. (...) Queremos, portanto boas creches e escolas para nossos filhos, lavanderias coletivas e restaurantes a preços populares, para

que possamos junto com os homens assumir as responsabilidades da sociedade. Queremos também que nossos companheiros reconheçam que a casa em que moramos e os filhos que temos são deles e que eles devem assumir conosco as responsabilidades caseiras e nossas lutas por torná-las sociais. Mas não é só. NÓS MULHERES queremos, junto com os homens, lutar por uma sociedade mais justa, onde todos possam comer, estudar, trabalhar em trabalhos dignos, se divertir, ter onde morar, ter o que vestir e o que calçar. E, por isto não separamos a luta das mulheres da luta de todos, homens e mulheres, pela sua emancipação.”

(Trecho do Editorial do Jornal “Nós Mulheres”, nº1 – junho, 1976.)

